

Entre dedos e cliques: a internet móvel e a produção de subjetividade contemporânea

Among fingertips and clicks: mobile internet and contemporary subjectivity

Entre los dedos y clicks: internet móvil y la subjetividad contemporánea

Paula Maria Valdetaro Rangel

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil.

Resumo

O presente artigo integra minha dissertação de mestrado, na qual proponho pensar sobre como, na contemporaneidade, o sujeito munido de aparelhos conectados à internet móvel produz seu mundo próprio ao mesmo tempo em que é produzido neste processo. Propomos uma pesquisa bibliográfica, tendo como foco a produção nacional em torno do tema da internet móvel. As publicações se concentram entre os anos 2000-2012 e circulam por diversas áreas do conhecimento, sendo principalmente produzidas na área de Comunicação. Lúcia Santaella (2008) e André Lemos (2010) aparecem como os principais debatedores. A alteração no uso do espaço público é a principal característica debatida por tais autores, abarcando temas como mobilidade urbana, espaços intersticiais e mídias locativas. Bruno Latour (2012) apresenta-se referenciado na maioria destes artigos, especificamente por sua teoria ator-rede. Os autores destacam a necessidade de análise e observação dos efeitos territorializantes e desterritorializantes advindos do acoplamento com a internet móvel.

Palavras-chave: Internet Móvel; Subjetividade Contemporânea; Tecnologia. Cibercultura.

Abstract

This article is a part of my dissertation, in which I propose to think about how, in contemporary times, the subject, when provided with connected mobile internet devices produces its own world while it's produced at the same time. We propose a literature search, focusing on domestic production around the topic of mobile internet. The publications are concentrated between the years 2000-2012 and circulate various areas of

knowledge, mainly in the area of Communication. Lucia Santaella (2008) and André Lemos (2010) appear as main debaters. The change in use of public space is the main characteristic discussed by these authors, covering topics such as urban mobility, interstitial spaces and locative media. Bruno Latour (2012) is presented in most of the articles referenced, specifically its actor-network theory. The authors highlight the need for analysis and observation of effects and territorializing deterritorializing arising from the coupling with the mobile internet.

Keywords: Mobile Internet; Contemporary Subjectivity; Technology; Cyberculture.

Resumen

El presente texto es parte de mi trabajo de maestría que se propone pensar como, en la contemporaneidad, el sujeto equipado de aparatos conectados a la internet móvil produce su propio mundo mientras es producido. Proponemos una búsqueda bibliográfica, con atención a la producción nacional a respecto del tema internet móvil. Los trabajos están echos desde el año 2000-2012, y son de diferentes fuentes de conocimiento, principalmente de la Comunicación. Lúcia Santaella (2008) y André Lemos (2010) son los principales actores del debate. La modificación en el uso del espacio público es la principal característica en debate, abrazando temas como movilidad urbana, espacios intersticiais y medias locativas. Bruno Latour (2012) está presente como referencia en grande parte de este texto, en especial por su teoría actor-red. Los actores subrayan la necesidad de análisis y observación de los efectos territorializantes y desterritorializantes que vienen del acoplamiento con la internet móvil.

Palabras clave: Internet Móvil; Subjetividad Contemporánea; Tecnología; Cibercultura.

Introdução

Este artigo integra minha dissertação de mestrado, na qual proponho pensar sobre como, na contemporaneidade, o sujeito munido de aparelhos conectados à internet móvel, em onipresença em suas vidas e espaços, produz

seu mundo próprio ao mesmo tempo em que é produzido neste processo. O que se faz visível, sensível e instigante nesta pesquisa é que estar (o tempo todo e em todos os lugares) em rede parece ser um veredito: estar em rede constitui a presença contemporânea. Os corpos, conectados uns aos outros, compartilham

suas vidas, seus costumes, o que comem, o que vestem, onde vão, com quem estão e neste compartilhar criam-se, recriam-se.

Podemos dizer que a internet ganhou o espaço, quer dizer, rompeu as fronteiras do computador pessoal e nos acompanha nas ruas, nas salas de aula, nas festas, nos carros, em trânsito, no trânsito. Ao final dos anos 1990, vivemos o começo da inserção da internet nos computadores pessoais e com isso sua conseqüente popularização. O acesso à rede pulou os muros das universidades, das instituições de ciência e instituições governamentais para nossas casas. Hoje, a carregamos em nossos celulares, tablets, computadores portáteis. Ela ganhou, literalmente, o mundo. Como objeto técnico de centralidade nos dias de hoje, traduz-se como rede de conexão rápida e praticamente infinita: num clique, uma explosão de caminhos repletos de possíveis. Espalhada em nossas vidas, a web conecta o globo e, a partir desta conexão, participa de sua modificação e construção.

Passados quinze anos, a internet se mesclou aos nossos fazeres e saberes, e hoje podemos dizer que há a concretização/intensificação da sociedade da informação (Castells, 2005, citado por Sancovschi, 2010) chamada também de cibercultura (Lévy, 1999). Esta mudan-

ça não está vinculada apenas à expansão da internet, mas à centralidade que o conhecimento, a informação e a comunicação adquiriram em nossas vidas. Assim como observamos grandes mudanças nos saberes, fazeres e na vida cotidiana no momento pós-revolução industrial, no contemporâneo assistimos também a uma diferenciação nos modos de vida, que tem afetado profundamente a produção de subjetividade (Nicolaci-da-Costa, 2002).

A partir desta constatação, propomos analisar o acoplamento do sujeito contemporâneo à tecnologia da internet, mais especificamente com a internet móvel. Como os sujeitos acoplados a estes dispositivos de internet móvel se constituem, se formam e transformam? Quais as mudanças nos modos de vida atuais, emergentes do acoplamento com essa tecnologia? O que tem sido produzido e possibilitado nos engendramentos entre sujeito e rede?

Nossas afirmações em defesa do estudo da internet móvel são pela sua inegável onipresença nos espaços da urbe e no fazer cotidiano daqueles e daquelas que a habitam. Para além de um meio de comunicação, a internet se instrumentaliza em diversas formas e através de muitos aparelhos tecnológicos, que, acoplados aos sujeitos, tornam-se parte de suas “identidades”.

Com o intuito de cartografar como a relação entre produção de subjetividade e internet móvel tem sido analisada nas publicações em língua portuguesa, utilizamos como termos motores de pesquisa as expressões: “subjetividade contemporânea, internet móvel”; “subjetividade internet móvel psicológica”; “internet móvel, psicologia”, “cognição contemporânea, internet móvel”, nos buscadores virtuais do Scielo e do Google Acadêmico. Na busca por artigos em português, foram achados: área de Comunicação (8 artigos), área de Administração (1 artigo), área de Sociologia (1 artigo), área de Comunicação e Psicologia Social (1 artigo) e Sem área definida (1 artigo).

Para abarcar produções que não foram filtradas pelos termos acima utilizados, estendemos a procura de artigos e, desta vez, o termo motor foi somente internet móvel, sem a utilização das áreas excludentes, ou seja, a procura se efetivou pelos dois termos (internet; móvel), ainda que aparecessem separados. Após um trabalho de seleção da bibliografia referendada, contamos então, no total das duas etapas de procura, com 16 artigos, 2 dissertações de mestrado, 1 livro e ainda 4 publicações sem origem definida. A data das publicações encontra-se entre os anos 2000-2012, sendo: 1 artigo em 2000; 1 em 2002; 1

em 2003; 2 em 2004; 1 em 2005; 3 em 2007; 3 em 2008; 1 em 2009; 2 em 2010, 2 em 2012 e 1 em 2013.

Dois autores brasileiros aparecem como principais referências, tanto enquanto produtores de artigos quanto autores citados: André Lemos e Lucia Santaella. As produções giram em torno do que chamam de mídias locativas, apresentando a internet móvel como parte da construção do espaço urbano, em hibridação com os sujeitos e suas conexões, sendo a teoria do ator-rede (Latour, 2012) uma das principais referências teóricas utilizadas. Nos tópicos a seguir apresentamos as ideias principais dos artigos selecionados, buscando com isso construir um quadro teórico que nos auxilie na análise da produção de subjetividade contemporânea, no que diz respeito principalmente ao acoplamento dos sujeitos com a internet móvel.

Internet móvel e espacialidade

Para Lucia Santaella (2008a), podemos dizer que as sociedades contemporâneas são caracterizadas por processos de hibridização, nas formações sociais, nas misturas culturais, na convergência das mídias, na linguagem e até mesmo na constituição da mente humana. Este hibridismo é marcado

pela experiência de compartilhamento da vida com a tecnologia, que produz novos espaços e novas maneiras de estar no mundo.

A autora designa de espaços intersticiais os espaços híbridos que convivem com o que é físico, material, e com o que é digital e virtual. São intersticiais porque dissolvem essas barreiras, criando um espaço próprio que não pertence nem a um nem a outro. Não são espaços meramente criados pela tecnologia, mas gerados na fusão das bordas entre os espaços físicos e digitais, que advêm do uso de tecnologias móveis como interfaces sociais. Com o advento dos equipamentos móveis, à já disseminada internet agregou-se uma nova utilidade: a internet móvel, que se tornou um grande vetor de construção dos espaços intersticiais.

A esses novos espaços criados Lemos (2008) chama de espaços informacionais. Souza e Silva (2006 citados por Santaella, 2008a) afirmam que o espaço híbrido é criado pela conexão da mobilidade e da comunicação e materializado por redes sociais desenvolvidas simultaneamente em espaços físicos e digitais. São, em seu cerne, espaços móveis, sociais, conectados, definidos pelo uso de interfaces portáteis como os nós da rede.

Quando uma interface móvel sabe onde se encontra no espaço físico, ela automaticamente adquire um significado diferente de um telefone fixo e de um computador de mesa, pois uma de suas funções principais se torna a navegação por espaços físicos. A capacidade de conexão com a Internet adicionada aos sistemas de posicionamento permite que os usuários tenham uma relação única tanto com o espaço físico, quanto com a internet (Souza & Silva, 2006 citados por Santaella, 2008a). Se o espaço é então um híbrido que se compõe com tecnologia, sujeito e lugares, é pois, inventivo e inventado, pressupõe movimento, ação.

André Lemos denomina estas tecnologias que interagem e modificam os ambientes de mídias locativas, que produzem relações entre informação, mobilidade e espaço urbano. As mídias locativas são mídias de localização e mobilidade. O fluxo comunicacional dá-se localmente, identificando a posição do usuário e propondo serviços locais. Lugar e contexto são elementos essenciais, exigindo a copresença de usuários, dispositivos, lugares, softwares, favorecendo novos usos do espaço.

Estamos acostumados a acessar a internet de qualquer lugar. Aqui o lugar é apenas um Você está aqui! Mídia loca-

tiva e teorias “materialidades da comunicação” e “ator-rede” fundo ou resíduo. Na atual fase móvel e locativa, a informação está diretamente vinculada ao contexto local. O serviço só é acessado localmente. Chamei a primeira fase da internet de “upload de informação e virtualização para o ciberespaço”, na qual o lugar tem uma importância relativa. Com os sistemas locativos atuais, a função do lugar é crucial, caracterizando o “download do ciberespaço para objetos e lugares” (Lemos, 2009). Aqui o lugar é um sujeito da ação: a informação “emana” e reage de/a partir dele (Lemos, 2010a, p. 8).

Temos então uma virada “espacial”: passamos do *no sense of place* (Meyrowitz, 1985), em que o lugar é superado pela comunicação massiva e pelo ciberespaço em sua fase de *upload*, para um *new sense of place*, em que as relações comunicacionais dão-se diretamente com lugares e objetos do espaço urbano, potencializando sua apropriação e ressignificação.

É através de uma rede de atores (redes, dispositivos, sujeitos, contexto) que se altera o processo comunicacional no espaço urbano. Lemos (2010a), se utiliza dos conceitos da teoria ator-rede e materialidades da comunicação de Bruno Latour. Esses permitem pensar nas formas materiais de mediação envolvidas nos processos comunicativos

de espacialização das mídias locativas e na produção social do espaço.

A escolha de tais conceitos leva em conta a materialidade da comunicação e os diversos atores – híbridos formados por humanos e não humanos, envolvidos em sua modulação. Permite também investigar as redes formadas na produção do espaço urbano, que pode ou não adquirir novos sentidos no processo sociotécnico de sua constituição. Levanta a hipótese de que as tecnologias e os serviços baseados em localização implicam modos específicos de mediação, e esta caracteriza o relacionamento comunicacional com o espaço, redefinindo os usos dos lugares. O lugar é, portanto, um “actante material não humano”.

Lemos (2010a), em sua definição de como as mídias locativas modificam e transformam sujeitos e lugares através de mediações, propõe pensar seis modos de mediação: modos de escuta (sonoro); de escrita (textual); de visibilidade (mapeamento); lúdico (jogos); de acesso (conexão); e de sociabilidade (rede social). Utiliza em cada um destes modos um exemplo de interação homem-tecnologia. De maneira a ilustrar seu pensamento, trazemos aqui o exemplo da mediação de sociabilidade. O Google Latitude permitia que o usuário localizasse amigos em um mapa por

meio de um smartphone dotado de mapas e GPS, através de um aplicativo próprio. O serviço criava possibilidades de interação social por meio das tecnologias digitais, mas, diferentemente dos chats on-line, o objetivo era promover o encontro face a face nos espaços urbanos. Os modos de mediação de visibilidade e de acesso estão presentes aqui pelo monitoramento dos conhecidos e pelo acesso às redes 3G e internet. Os atores envolvidos nesta rede sociotécnica são os usuários, o espaço urbano, o serviço de mapas, o GPS, as redes 3G e Wi-Fi, as ferramentas de troca de mensagens. A mediação dá-se pela visibilidade e sociabilidade no espaço urbano, a mediação e a delegação promovem uma inserção do usuário no espaço físico valorizando os encontros presenciais. O sistema também produzia uma visão do espaço em que sociabilidade e privacidade são tensionadas.

Internet móvel e subjetividade contemporânea

Muito se discute sobre as relações estabelecidas a partir dos usos da internet móvel: relações entre pessoas, entre as pessoas e o tempo, entre as pessoas e o objeto. Críticas são tecidas, cada vez mais, acerca do uso excessivo de celulares conectados à internet, por

exemplo. Muitas pessoas não conseguem mais sentar em uma mesa de bar ou restaurante e conversar com os colegas sem verificar seus aparelhos o tempo todo. Em um tuíte, meses atrás, lia-se que “é mais fácil parar de fumar do que parar de olhar para o celular”. Esses corpos, esses sujeitos, estão ausentes da experiência/presença encarnada? Santaella nos traz tal reflexão:

Em várias ocasiões também defendi (Santaella, 2003: 303-314; 2004; 2007) que não importa qual forma o corpo virtual possa adquirir, sempre haverá um corpo biológico junto, ambos inseparavelmente atados. O virtual pode estar em um outro lugar – e o outro lugar ser um ponto de vista privilegiado – mas a consciência permanece firmemente arraigada no físico. Historicamente, o corpo, a tecnologia e a comunidade se constituem mutuamente (2008b, p. 130).

Na análise da constituição mútua do corpo, da tecnologia e da comunidade, identificamos algumas questões emergentes. Tem se produzido uma necessidade de compartilhamento na rede do que se faz e se vive, com pessoas que não estão presentes na cena vivenciada: envia-se fotos pelas redes sociais e por aplicativos de conversação, faz-se visível em vários espaços. Multiplicar-se? Fragmentar-se? Aparentemente, vive-se

a experiência do compartilhar, do expor-se ao outro, do tornar-se visível e “comentado”, mais até que o ater-se necessariamente à experiência registrada e partilhada per si. O que quer esta experiência do compartilhamento? Novas possibilidades de encontro e conexões? Qual a qualidade dessas conexões? Essas têm sido perguntas e questões presentes nas análises sobre a subjetividade contemporânea, em seu acoplamento com a internet-móvel.

Caiafa (2000) fala de uma superficialidade presente e alimentada pela vida *on-line*, mas, se pensarmos mais cuidadosamente, também nos vemos rodeados pela vida “real” misturada com a vida “da rede”: fazemos várias coisas ao mesmo tempo, vivemos várias coisas ao mesmo tempo, na rede e/ou fora dela. Isso é, necessariamente, menos “real”? Como falar desta experiência? A contemporaneidade nos coloca questões a todo tempo e hora, o que implica processos criativos, processos de escape, processos do imprevisto. Para “dar conta”, nos viramos, nos reforcemos. Isto não nos força a pensar que há outros mundos sendo feitos? É também Caiafa que afirma que “não basta falar em interação para garantir a alteridade na comunicação por rede, é preciso examinar as condições em que as relações se estabelecem” (Caiafa,

2000, p. 32). Nem a interação através da internet, nem no telefone, nem das cartas, nem dos pombos correios poderia garantir a alteridade na comunicação. É preciso se aproximar das relações e ver o que elas dizem. Não é o veículo que garante o vínculo, embora ele não seja neutro e passivo na constituição do vínculo, já que falamos aqui de mediadores e não intermediários (Latour, 2012). Ainda assim, os afetos circulam e podem seguir seu caminho através de diferentes estradas, ainda que virtuais.

Temos ainda a acusação que o uso destes dispositivos conectados à web promove desqualificação do corpo e, como consequência, um esquivar-se dos riscos que o viver encarnado carrega. Sherry Turkle (2011) apresenta a preocupação de que, ao investir tanto nas nossas relações com a tecnologia, estejamos ficando cada vez mais sozinhos, ainda que cada vez mais conectados. Em direção inversa, Favre (2011) nos leva a refletir: Como pensar num conceito de corpo tendo em vista os problemas formativos hoje? Estar conectado produz formas (de ser, de estar, de corpar) sendo que estas podem nos ajudar a produzir mais ou menos presença nos ambientes e com outros corpos. O corpo é pensado como um processador ambiental, conectado aos acontecimentos, às pessoas, ao ambiente

e às tecnologias. Essas conexões permitem ao corpo se construir e se transformar, se adaptar, se deformar, se fazer presente.

O uso da internet móvel está intrinsecamente ligado às nossas vidas, logo, é formativo deste corpo, que vive neste sistema, se alimentando, construindo, trabalhando, estudando, se confrontando. A web não necessariamente nos protege da vida real, pelo contrário, ela muitas vezes nos convoca diferentes formas de fazer presença, diferentes formas de estar na vida, traz novas questões e novos problemas.

Entendemos que o espaço virtual possa ser sim um palco para a exposição de algumas opiniões, gostos, posicionamentos que, em um debate tête-à-tête seria complicado e, por vezes, violento, mas o que tentamos trazer é que este espaço virtual é mais um espaço de nossas vidas, presente e real. Resta saber, como aponta Kastrup (1999), se as máquinas de informação são capazes de provocar, na interface com o usuário, outras formas de conhecer e pensar.

Respondendo parcialmente à esta indagação, Lemos nos chama atenção para o processo de complexificação das metrópoles contemporâneas, chamadas metrópoles cibernéticas ou também de “cibercidades” (Lemos, 2004a, 2004b, 2005, 2007). Há um novo modo de ur-

banidade a partir do que emerge no encontro das cidades, tecnologias e usuários, a ciberurbe. Para o autor, “O desafio é criar maneiras efetivas de comunicação e de reapropriação do espaço físico, reaquecer o espaço público, favorecer a apropriação social das novas tecnologias de comunicação e informação e fortalecer a democracia contemporânea.” (2010b, p. 159).

Como vimos no tópico anterior, para Lemos, as tecnologias sem fio – que incluem não somente o uso de internet móvel, mas de outras tecnologias de dispositivos e redes como 3G, GPS, palms, etiquetas RFID, Wi-Fi, Wi-Max, Bluetooth – estão transformando as relações entre pessoas e as relações com os espaços urbanos, criando novas formas de mobilidade. As cidades se tornam desplugadas, no sentido de que os dispositivos e redes sem fio criam um ambiente generalizado de conexão, possibilitando o usuário plena mobilidade ao se relacionar com máquinas, objetos e com a urbe.

O que Santaella (2008a) define como espaços intersticiais, Lemos (2010b) nomeia de territórios informacionais. Em grandes cidades, tem-se classificado a relação tecnologia-cidade como nomadismo *high-tech*, que compreende trocas de SMS, computadores e trabalhadores nômades, ocupações de

espaços urbanos conectados, jogos por dispositivos móveis em mobilidade no espaço urbano, anotações eletrônicas digitais, *mobile blogs*, trocas de textos, vídeos e fotos por celulares...

Um exemplo interessante desse novo “nomadismo” por redes sem fio e tecnologias portáteis é o fenômeno que vem sendo chamado, em São Francisco, de *beduínos high-tech*. Sabemos que os *beduínos* são povos nômades originários da península arábica e que vagam hoje pela África do norte. São nômades, mas possuem um território, já que, como diz Deleuze, eles seguem trajetos costumeiros, passando de ponto a ponto (por exemplo, uma fonte de água). Mas os pontos só existem para serem abandonados, e o que vale é o que está entre os pontos. Por isso Deleuze mostra que a vida do nômade é o *intermezzo* (Lemos, 2010b, p. 162).

Estes novos nômades *high-tech* surgem buscando passar de ponto de acesso a ponto de acesso, sendo este, por exemplo, um café ou lanchonete com Wi-Fi. Este *beduíno* não está em busca de água potável e sombra para descansar da longa jornada da viagem, mas sim em busca de um território informacional com o qual possa se conectar para compartilhar, criar, produzir informações, conteúdo *on-line*, pesquisar, etc. Os novos *beduínos* estão sem-

pre munidos de tecnologias sem fio como laptops Wi-Fi e smartphones, aliando a mobilidade física no espaço público com a mobilidade informacional pelo ciberespaço.

Para Eduardo Pellanda (sem ano), o contexto *wireless* que vivemos amplia as questões anteriormente colocadas pelo uso da internet cabeada. Quando os aparelhos nos acompanham em qualquer lugar e é possível ver vídeos ou ouvir áudios em tempo real e navegar em páginas da internet. Há algo mais específico nesta relação, à medida que a produção de informação é onipresente. O “cordão umbilical”, que restringia o acesso ao ciberespaço aos escritórios, salas de aula e casas, foi cortado e com a expansão do território deste ciberespaço, produz-se uma mídia “invisível”, que por poder estar em quase todos os lugares, passa a ser desapercebida como mídia, criando um novo ambiente de comunicação. Discute também a importância do suporte, que passa a ser secundário, dando visibilidade à mensagem produzida. Compreende que a coexistência do “ambiente virtual” com o “ambiente real” exige um novo olhar sobre estes elementos e que a consideração de vários ângulos que incidem nesta relação pode ajudar a enxergá-los como menos bem delimitados e mais expandidos em seus sentidos. Indica

ainda que a internet *wireless* é muito mais do que uma “facilidade” em nosso cotidiano, já que tem a potência de mudar vários conceitos que até então pareciam estar estagnados ou já estabelecidos com o uso da internet fixa.

Conclusão

O que ressalta nas análises trabalhadas neste artigo é a indicação de que faz-se necessário ter cautela ao falarmos dos efeitos da internet móvel em seu acoplamento com os sujeitos contemporâneos. É marcante que, quando pensamos na cultura e sociedade contemporânea hoje, falemos de sua característica móvel, tanto pelo advento das tecnologias reais quanto pelo uso e produção das tecnologias virtuais. No entanto, os fluxos de produção que circulam na relação com ambas podem ser de territorialização e desterritorialização (Lemos, sem ano). A desterritorialização está relacionada aos processos de mobilidade e são mais facilmente identificáveis, já que se constituem como deslocamento de corpos e de informações. Ao mesmo tempo, as tecnologias móveis permitem exercer um maior controle sobre o espaço e o tempo, podendo ser encaradas como ferramentas de territorialização, por sua potencialidade de instituir formas de controle, através da

hibridação dos espaços eletrônicos e físicos.

A título de exemplo, podemos citar pessoas que hoje vivem conectadas aos seus telefones, para lazer e para trabalho também. Ainda que estejam em movimento, ou seja, se utilizando de internet móvel em dispositivos móveis, estão territorializados muitas vezes, controlando-se e sendo controladas por percursos pré-definidos – ferramentas de trabalho como e-mails, tabelas, etc. – pelo fluxo de matéria e informação. Apesar de sua mobilidade, não necessariamente podem ser consideradas nômades. Um *hacker*, que passa seus dias e noites em frente ao seu computador em sua casa, pode vivenciar processos nômades, ainda que sem sair de seu lugar físico, exatamente por experimentar percursos não predefinidos em sua experimentação com o uso da internet.

Os exemplos mostram como as tecnologias digitais podem ser agentes de territorialização e controle, assim como de desterritorialização e de diminuição de hierarquias, aumentando mobilidades, instituindo formas nômades. O importante é frisar que as tecnologias da cibercultura, principalmente as móveis, podem criar processos desterritorializantes, mas esses não estão garantidos pelo simples uso dos artefatos. Mais uma vez encontramos aqui o problema do determinismo tecnológico, já

que o uso do dispositivo não garante processos desterritorializantes ou nômades e podem mesmo reforçar poderes constituídos e territorializados (Lemos, sem ano, p. 10).

Portanto, o debate atual gira em torno não de se defender ou criticar o uso da internet móvel, mas no sentido da ampliação de como esta relação, que se dá na emergência do sujeito e da tecnologia, pode potencializar determinados efeitos produzidos por ela mesma. O uso dos espaços públicos é hoje o centro desta discussão, o que coloca em embate principalmente a utilização das mídias e da produção de informação.

Referências

- Castells, M. (2005) *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Caiafa, J. (2000) *Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Favre, R. (2011) Um corpo na multidão: do molecular ao vivido. *Interface, (Botucatu)*, Botucatu, v.15, n.37. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832011000200025&lng=en&nrm=iso.
- Kastrup, V. (1999) *A invenção de si e do mundo*. Campinas: Papyrus.
- Latour, B. (2012) *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba.
- Lemos, A. (sem ano) *Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura*. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andreamos/territorio.pdf>.
- Lemos, A. (2004a) *Cibercidade: as cidades na cibercultura*. Rio de Janeiro: E-Papers.
- _____. (2004b) Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. *Razón y Palabra*, 41.
- _____. (2005) *Cibercidade II Ciberurbe: a cidade na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: E-Papers.
- _____. (Org.). (2007) *Cidade digital*. Salvador: Edufba.
- Lemos, A., & Josgrilberg, F. (2009) *Comunicação e mobilidade*. Salvador: Edufba.
- Lemos, A. (2010a) Você está aqui! Mídia locativa e teorias “materialidades da comunicação” e “ator-rede”. *Comunicação & Sociedade*, 32(54), 5-29.
- _____. (2010b) Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade.

- urbe. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 2(2), 155-166.
- Lévy, P. (1999) *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34.
- Meyrowitz, J. (2004) Global nomads in the digital veldt. *Revista Famecos*, 23-30.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002) Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202. Recuperado em 10 de março, 2014, de http://www.scielo.br/scuelo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000200009&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-37722002000200009.
- Pellanda, E. C. (sem ano) *Um olhar complexo sobre a internet móvel e o rompimento do cordão umbilical com a informação*. Disponível em <http://www.ull.es/publicaciones/latina/bienaldecomunicacionmesa 2.pdf>.
- Santaella, L. (2003) *Culturas e artes do pós-humano*. Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus.
- _____. (2004) *Corpo e comunicação*. Sintoma da cultura. São Paulo: Paulus.
- _____. (2007) *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus.
- _____. (2008a) A ecologia pluralista das mídias locativas. *Revista Famecos*, 37. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/%20viewFile/4795/3599>
- _____. (2008b) A estética política das mídias locativas. *Nômadias*, 28. Disponível em <http://biblioteca-virtual.clacso.org.ar/ar/libros/colombia/iesco/nomadas/28/12estetica.pdf>
- Sancovschi, B. (2010) *Sobre as práticas de estudo dos estudantes de psicologia: uma cartografia da cognição contemporânea*. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Rio de Janeiro.
- Souza e Silva, A. (2006) Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In D. C. Araújo (Ed.). *Imagem (Ir) realidade* (pp. 21-51). Comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina.
- Turkle, S. (2011) *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books.

Paula Maria Valdetaro Rangel: Psicóloga graduada pela Universidade Federal do Espírito Santo e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

E-mail: paula@paularangel.psc.br

Enviado em: 10/03/2014 – **Aceito em:** 20/10/2014
